

Compaixão é ver aquele que sofre como Deus o vê

O que é necessário para um adulto agir em favor da criança? Essa pergunta suscitou várias respostas numa reunião dos parceiros da revista Mãos Dadas. Mas a que se sobressaiu a todas foi: “mais compaixão!”

Fiquei surpresa. Nossas ocupações como agentes sociais cristãos são notoriamente destituídas de grandes atrativos financeiros. Agimos por amor, orientados pelo ideal cristão de prover para nossas crianças sofredoras a vida que Jesus Cristo sonhou para elas.

Então por que esse consenso de que falta compaixão?

Refleti sobre as reclamações dos colegas. Um pai social queria devolver um adolescente (não se sabe para quem) porque sua agressividade o tornava de difícil convivência. Uma monitora de centro estudantil se preocupava com uma família assistida pelo projeto cuja moradia corria o risco de desabar, mas não conseguia tomar nenhuma providência para evitar a tragédia que tanto temia. Uma educadora sabia que sua aluna da creche estava sendo vítima de maus-tratos e talvez até de abuso sexual, mas se sentia impotente para mudar a situação.

Conclusão: o fator comum é o sentimento de impotência. Não faltam pesar, tristeza, dor, pelas aflições das crianças. Talvez o que falta seja uma compreensão mais ampla e dinâmica da compaixão. Sofremos de uma certa paralisia espiritual e emocional de forma que “vemos, mas não vemos”, “ouvimos, mas não ouvimos”. Conseqüentemente, não levantamos a voz em favor de crianças e adolescentes sofredores e não estendemos os braços para acolhê-los como convidados de honra do reino de Deus.

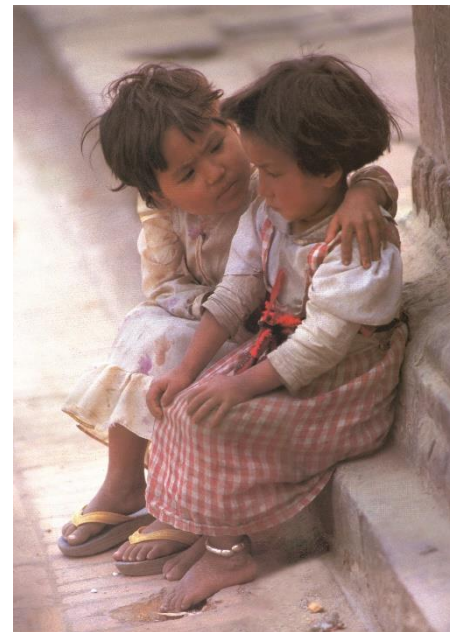
Ver, ouvir, falar e agir são aspectos da compaixão praticada e ensinada por Jesus.

Conta-se a história de um urso muito compassivo, que, ao ver um peixinho batendo de encontro ao barranco do rio repetidas vezes, foi movido a ajudá-lo. O urso pensou:

“Coitado, está tentando subir e sair daquela água fria para tomar um solzinho aqui na grama”. Como não suportava ver o sofrimento alheio sem fazer alguma coisa, o urso logo entrou em ação. Arriscou cair na correnteza daquele rio perigoso para retirar o peixinho da água e colocá-lo às margens do rio. Satisfeito com sua boa obra do dia, deitou-se ao lado do peixinho (agora moribundo) e tirou aquela soneca gostosa.

Agimos como esse urso quando caímos no erro em que ele caiu: péssima interpretação da realidade. Não estamos imunes a esse mal. Em nossas comunidades evangélicas, muitas vezes reproduzimos as “péssimas interpretações da realidade” veiculadas por este mundo cão:

- Fazemos discriminação de classe social: cultuamos a Deus em igrejas segregadas; os ricos nas “igrejas de ricos” e os pobres nas “igrejas de pobres”;
- Vemos pelos óculos do racismo: valorizamos o cabelo liso, os olhos azuis e a tez clara; achamos que todo negro é pobre ou inculto. Qual foi a última vez que você ouviu um sermão sobre o princípio da igualdade cristã aplicado à discriminação de raça? A característica do racismo brasileiro está na omissão e nas ações veladas de discriminação. O não-falar é negar a existência do problema;
- Continuamos a delegar às mulheres tarefas que os homens não querem fazer ou a repeli-los de funções que julgamos femininas, mas que na verdade são simplesmente humanas (dar carinho e afeto a uma criança, por exemplo).



Não conseguimos perceber que para Deus nós, homens e mulheres, temos o mesmo valor.

Se não mudarmos a nossa visão de mundo, projetaremos essas expectativas na maneira como tratamos as crianças. Outro dia descobri que a nossa merendeira estava adicionando água ao leite no pico de produção das cabras. Estava sobrando leite, mas mesmo assim ela adicionava água. É como se a criança pobre não tivesse o direito de tomar leite puro!

Ver aquele que sofre como Deus o vê exige mudança de foco: precisamos de uma visão panorâmica e mais ampliada, de uma visão total. De acordo com a Bíblia, assistimos a um conflito cósmico entre os poderes do mal e Deus (Sl 2). O salmista nos lembra que por meio de Jesus o Senhor vence. Por que o sofrimento existe? Quais são as suas causas? Onde está Deus no momento em que uma criança sofre? Quais as saídas bíblicas para problemas como pobreza extrema, maus-tratos, doença, violência urbana, injustiça social, drogas e álcool, males que tanto afetam as crianças e os adolescentes? Se não tivermos uma resposta bem pensada e fundamentada na Bíblia para essas questões, fatalmente absorveremos visões não-cristãs e equivocadas sobre esses assuntos.

Só temos duas alternativas: ou vemos a criança como Jesus a vê, como ser especial, cheio de valor e potencial, ou vemos a criança como o mundo a vê. Uma dessas maneiras de ver tende ao sentimentalismo romântico: a criança inocente e pura, incapaz de conceber o mal. A outra tende ao determinismo fatalista: a criança fadada a repetir os erros dos pais, “criança-problema”, criança sem futuro.

Mudar a visão é preciso.

Ao acordar e ver que o peixinho está morto, o urso ficará muito triste e confuso. Perceberá o erro de interpretação da realidade e descobrirá que um bom coração, embora seja essencial, não é o suficiente.

Por Elsie B. C. Gilbert

Origem: Revista Mãos Dadas. Edição 9.

Vejamais: Compaixão é ouvir.